

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**Raúl Joaquim Dias**

registada em 2008-09-26  
por

Jenny Campos e Susana Pires



## Raúl Joaquim Dias

Raúl Joaquim Dias nasceu às dez horas da manhã do dia 27 de Setembro de 1940, na Foz de Barreiros. O pai era José Joaquim, era serrador. A mãe era Maria Gracinda. “O trabalho dela era entreter-se de roda da fazenda.” Raúl teve cinco irmãs. Andou na escola pouco tempo, dos oito até aos nove. Saiu para ir guardar ovelhas, com 10 anos, para uma terra chamada Pereira. Foi para a tropa para Espinho em 61 e para Angola no dia 12 de Janeiro de 62. Dois anos mais tarde regressou a Portugal, “foi uma alegria enorme”. Junto com o pai foi serrador. Depois esteve nas Minas da Panasqueira, a escavar minério. Passados dois anos, trabalhou nas estradas. E reformou-se com 49 anos. Nas idas à missa ao Piódão, conheceu a esposa. Casou quanto tinha 24 anos. Tiveram seis filhos, dois rapazes e quatro raparigas.

# Índice

Identificação Raúl Joaquim Dias.....	4
Ascendência Maria Gracinda e José Joaquim.....	4
Infância Brincar e trabalhar.....	5
Educação Nos tempos da escola.....	6
Religião "Na doutrina era um artista para aprender".....	7
Namoro Dormia em casa dela.....	8
Descendência Os filhos.....	8
Casa "Hoje é minha".....	8
Percurso profissional Uma vida, vários trabalhos.....	9
Migração "Quando me disseram que podia voltar a Portugal, isso é que foi uma alegria".....	11
Costumes Antigamente.....	15
Lugar "Há lugares piores".....	18
História Lendas e Histórias.....	22
Sonhos Ser ferreiro.....	25
Avaliação Trabalho importante.....	25

## **Identificação *Raúl Joaquim Dias***

O meu nome completo é Raúl Joaquim Dias. Nasci às dez horas da manhã do dia 27 de Setembro de 1940. Nasci numa casa velha que ainda existe. Pertence a Foz de Barreiros.



**Raúl Joaquim Dias aos 20 anos**

## **Ascendência *Maria Gracinda e José Joaquim***

O nome do meu pai era José Joaquim. Ele era serrador a mais eu. Trabalhávamos os dois de serradores. Trabalhámos ainda muitos anos assim. Depois fui para a Angola, estive lá 28 meses no Norte, quando aquilo lá tinha começado e depois quando vim, voltei outra vez a serrar mais um tempo com ele. Ele morreu há 23 anos.

O nome da minha mãe era Maria Gracinda. A minha mãe morreu para aí há um ano e tal, pouco mais. O trabalho dela era entreter-se de roda da fazenda. Cultivava batatas, feijões e milho. Era o que cultivavam naquele tempo, tudo praticamente para gastos de casa.

## **Eu e as minhas irmãs**

Tenho irmãos. Rapazes sou só eu, raparigas são cinco, mas uma já faleceu. O meu pai sozinho não podia ganhar para tantos. Chegaram a ser nove pessoas em casa. Hoje está uma em Lisboa, outra na Póvoa de Santa Iria, outra em Vinhó e outra na Holanda, que é a que está melhor. Acho que até já está em Lisboa mas já está reformada. Ela e o marido da Holanda. Mas a reforma deles lá é diferente da gente. Ele está com 300 contos por mês e ela com 200. Estão bem os dois. Tem uma casa em Lisboa, têm outra na Holanda e ainda andam para fazer outra em Chãs d'Égua, no desaterro que lá está. Têm duas filhas que não precisam do dinheiro deles para nada porque uma é professora, a outra é juíza. Eles já lhe queriam dar dinheiro, elas nem lho querem. Elas:

- "Guardem lá para vocês que nós não precisamos do dinheiro de vocês para nada."

## **Infância *Brincar e trabalhar***

### **As brincadeiras**

Com os meus irmãos, quando éramos pequenos dávamo-nos mais ou menos. Brincávamos uns com os outros. Às vezes saltávamos à corda e fazíamos à ronda. Era uma coisa que íamo-nos esconder uns dos outros, depois o primeiro, tinha que o outro levá-lo às costas um pedaço. Aquilo era assim. A brincar uns com os outros.

Nesse tempo cada um tinha que fazer a sua coisa, e até chegaram a ir servir umas para um lado, outras para o outro.

### **Por terras de Pereira**

Saí da escola para ir guardar ovelhas, com 10 anos. Nesse tempo não se ganhava praticamente quase nada. Fui guardar umas ovelhas para uma terra

chamada Pereira. Às vezes passo lá. Quando não vou por Mouronho para baixo, vou por lá.

### **"Um bocado amaqueirado"**

*Eu andei lá a guardar umas dez ovelhas mas nesse tempo eu já era um bocado "amaqueirado". Às vezes à noite diziam-me assim:*

*- "Vai lá levar a ceia ao cão"*

*Eu lá ia com a ceia para o cão num tacho. Mas quando levava a ceia para o cão, levava o gato também debaixo do outro braço. E depois o cão estando a comer botava-lhe o gato ao focinho, depois armavam lá sempre uma zaragata os dois. Depois eles diziam-me:*

*- "Então mas o que é isto?"*

*- "Que é isso? Então, que é isso... O gato também quer comer e o cão não o deixa comer e pronto.*

*E era eu para os ver a brincar um com o outro. Para os ver a bulhar. O cão era o Piloto. O gato era o Tareco.*

### **Educação *Nos tempos da escola***

Eu andei na escola poucos dias, pouco tempo. Só lá andei parece que dos oito até aos nove. Só aprendi a fazer as letras todas e conheço-as todas. Sei fazer o nome de qualquer pessoa e não sei mais nada. Mas lembro-me como é que era a escola. Cheguei ainda a fazer algumas contas. Até havia uma conta que se fazia, que ainda nem todos a faziam.

### **Contas difíceis**

*Uma vez foi lá uma professora a Arganil que era da Aldeia das Dez e eu calhei lá estar na pensão do Bento, que era em frente à Casa dos Paços do Concelho, e depois eles ficaram mal no problema. A professora disse para eles:*

*- "Ainda assim sempre pensei que andava a ensinar gente, andei a ensinar burros."*

*Depois "Um quilo de carne custando 50 escudos..." o problema era dividir...queria saber quanto é que vinha a custar 250 gramas. Ora aquilo era só para um cego. Era muito bom de ver. Eram 2 e 500. Pois eram divididos em quatro quartos, certamente.*

*Depois havia outra também que era: "1 conto de reis com nove notas" e também nem toda a gente sabia aquilo. Porque esse conto de reis era feito da seguinte maneira: que naquele tempo havia essas notas. Levava seis notas de 50, uma de 500 e duas de 100. E fazia as nove notas, o conto de reis. Mas havia muita gente que não lhe passava pela memória que aquilo era assim.*

## **Uma escola farta**

Eu não gostava muito da escola. Depois para lá fui já não aprendi mais nada. A escola ficava à frente da que existe agora. A estrada botou-a abaixo.

Naquele tempo ainda lá chegaram a andar 40 crianças na escola. E agora não há cá nem um para ir para lá. Aquela gente deu em ir para Lisboa. Porque cá não governavam a vida e agora praticamente a gente nova e velha está tudo em Lisboa. Capaz de lá haver aí uns 60 casais em Lisboa, só de cá. Mas não é só daqui. Destas terras aqui de roda é na mesma. Está lá tudo.

Daqui para a escola eram mais ou menos aí três quartos de hora. De Inverno era na neve. Tínhamos que ir sempre a pé e vir. Não havia carros como agora, que os vêm buscar à porta e trazer. Em qualquer lado agora trazem-nos a casa e levam-nos.

## **As promessas**

As professoras às vezes eram ruins. Davam porrada. Não se podia chegar nem atrasado. Tinha-se que chegar sempre a horas e não fazerem barulho lá dentro. Senão levavam porrada. Às vezes batiam com uma régua, outras vezes era com uma cana. Era assim. Outra vez fazia-nos ir ajoelhar um pedaço, como a que se estivessem a cumprir alguma promessa. Agora aqui de roda não há nada disso, tudo acabou.

## **Religião "Na doutrina era um artista para aprender"**

Na doutrina era um artista para aprender. Aprendi tudo do princípio ao fim. Aprendi o catecismo todo de cor e salteado. Depois fiz a primeira comunhão, tinha 6 anos. Fiz a profissão de fé, depois fiz a comunhão solene...fiz aquilo tudo. Para a doutrina tínhamos que ir ao Piódão. Íamos por um caminho por baixo para lá. Demorava aí três quartos de hora.



Ia todos os domingos à missa. Agora é que é raro ao domingo ir. Às vezes vejo-a na televisão. Quer dizer, só se pode ver a que dá às dez horas porque a TVI não apanha, porque senão via a outra também.

### **Namoro *Dormia em casa dela***

Para namorar antigamente, às vezes tínhamos que fugir aos pais. Às vezes os pais não queriam que namorassem nem rapaz nem a rapariga. Eu às vezes ia para um terra chamada Gondufo, ainda lá andei a namorar um tempo. Depois tive que deixar de para lá ir.

Comecei a dar em ir à missa ao Piódão, começou-me a aparecer a minha mulher que era ali duma terra chamada o Tojo. Comecei lá a namorar com ela, depois agarrava quando era ao domingo safava-me para lá já vinha só segunda-feira lá para o meio-dia. Ficava lá e tudo, em casa dela. Andei a namorar um tempo até que ao depois casei com ela.

Casei tinha 24 anos. Porque quando vim lá de fora já eu tinha já quase essa idade

### **Descendência *Os filhos***

Tenho seis filhos. Rapazes são só dois. E raparigas são quatro. A mais nova veio de França, outra está em cima na Senhora das Almas. Comprou lá um andar por 23 mil contos. Mas isso é um andar em condições. E depois está outra em Aveiras de Cima e a outra está lá estabelecida na Itália. Tem agora um menino para com quase dois anos chamado Simão. Ainda aqui há dias lá foram a minha mais nova, a minha mulher, a Sofia e o meu genro. Dormiram duas noites no caminho e gastaram alguns três dias para lá.

### **Casa "*Hoje é minha*"**

Algumas casas já foram feitas mais tarde. A minha foi feita deve de haver aí 45 anos. Meti cá gente e fiz e é claro por mim. Não tenho cá nada que andasse empreiteiro nenhum. Fui eu, porque os empreiteiros às vezes também metem gato por lebre. Às vezes parece uma coisa e depois é outra. Quer dizer, onde devem meter certo material não metem. Assim ao menos a gente tem tudo à nossa conta, faz como quer.

A casa dos meus pais tinha umas divisõezitas em madeira e agora está tudo a cair para o chão lá dentro. Eu até comprei aquilo por 500 contos.

- "Vamos avaliar isso"

- Eu dou 500 contos.

Já mais ninguém deu mais nada, olhe tive que ficar com ela. Hoje é minha.

Hoje vendia-a mas não há quem queira casas nenhuma aí de roda. Mas não é só a casa. Ainda tem de roda oliveiras por baixo e tem quintal. Depois um dia os meus...

## **Percurso profissional *Uma vida, vários trabalhos***

### **"Tudo em madeira"**

Os pinhais onde trabalhávamos era tudo de roda de Chãs d'Égua. Havia muito pinhal antes de isto tudo arder. A gente ia fazer dias para fora porque a construção das casas era tudo em madeira. Agora mais tarde é que a construção já passou a ser diferente. Agora fazem uma casa sem levar uma ponta de madeira.

Para fazer o trabalho de madeira dentro de casa vinha o carpinteiro. Cada um tinha a sua profissão. A gente só serrava a madeira. A construção da minha casa ainda é toda assim em madeira, mas a parte que fiz mais tarde já não é nada em madeira. É ladrilhos em mosaico, pronto.

### **Oito a 15 dias sem vir a casa**

E depois também tive uma época que não havia trabalho de serragem e ia daqui para as Minas da Panasqueira, quatro horas a pé. Depois andava lá aos oito dias e a 15 sem vir a casa. Nas Minas da Panasqueira íamos minar dentro, a escavar minério. Praticamente eu trabalhava com o martelo, a fazer o fogo. Naquela altura trabalhávamos 5 mil mineiros. Hoje está a trabalhar com pouca gente. Aí com 200 pessoas. Entrava um turno agora às oito da manhã e saía às cinco da tarde. Entrava outro às cinco da tarde e saía à uma da noite. Depois entrava outro até de manhã. Eram três turnos a trabalhar ali efectivo. Elas não podiam estar muito tempo paradas senão o nosso governo botava-lhe a mão. Porque aquilo era duma companhia inglesa. Ganhávamos 120 escudos nas oito horas. Mas também 120 escudos, naquele tempo...valia mais que hoje valem quatro contos. Porque a gente comia por dez escudos na cantina. Enchia a barriga do bom e do melhor, por dez escudos. Hoje por dez escudos não dão nada a ninguém em lado nenhum. É que nem sequer uma carcaça dão. Mas naquele

tempo o dinheiro tinha valor. O pouco valia muito. Hoje é que não tem valor. Hoje é preciso uma saca de dinheiro para valer alguma coisa. É verdade.

Nas Minas tinha lá um quarto e a cama. Éramos mais ou menos aí quatro no mesmo quarto. E casais que lá estivessem, a companhia dava uma casa só para o casal. De um lado da Panasqueira acho que já caíram algumas casas mas, do lado outro lado está tudo bem conservado. Fica em frente a Silvares, do lado da Barroca Grande. Aí é que tinha igreja e padre e hospital. Tudo! Tinha aquilo tudo que fosse possível.

Chegaram a andar 45 homens daqui. Não tinham outro rumo nem outro trabalho porque Chãs d'Égua foi uma terra que nunca desenvolveu nada. Nem pouco nem muito. Nunca montaram nem fábricas nem nada. Naquele tempo não se ganhava cá um tostão. Hoje ganham muito dinheiro. É quanto querem. E vêm dormir todas as noites a casa deles. Porque a construção é que tem evoluído isto. Se não fosse a construção nada era feito. Então é que tinham todos que cavar daí para fora. É verdade.

Quando fui para as Minas tinha mais ou menos os seus 36 anos. Estive lá dois anos. Depois andei mais um ano com baixa.

### **"A fazer fogo"**

Também trabalhei nas estradas. Trabalhei nesta estrada desde Vide que são mais ou menos 11 quilómetros. Também o meu trabalho foi só a fazer fogo. A rebentar com a rocha "pia fora"<sup>1</sup>. Quer dizer eram mais dois rapazes. Eu abria os buracos com o compressor e o outro rapaz andava a arredar o cascalho para trás, onde é que se havia de meter. E o outro conforme nós vínhamos vindo ela vinha carregando o fogo. Tendo o fogo feito rebentavam. Porque se não fosse o fogo, as máquinas não andavam nada. Eles estavam a dormir dentro das máquinas aos dois e aos três. À espera que a gente rebentasse com o fogo porque a máquina se teimasse partia peças.

Mesmo assim ainda demorou três anos de Vide aqui. Mas houve aí partes que foi muito ruim de fazer. Porque eles quando vieram ver enganaram-se. Vieram a voar por um helicóptero, a ver, e eles cuidavam que isto que dava em terra e que as máquinas que brincavam. Mas depois aquilo deu com rochedo e as máquinas já não andavam nada. Ajustaram aquilo na altura por 70 mil contos. Eles hoje nem um quilómetro faziam, se calhar, por esse dinheiro. Ou que fizessem dois por esse dinheiro.

<sup>1</sup>por aí fora

Para rebentar com as pedras púnhamos a arder umas velas redondas de dinamite. A gente metia aí dez, aquilo aprofundava, quando rebentava, ficava o terreno a quase tudo limpo. E ia cada bocado de peneda para seu lado.

Também andei na estrada desde a Lomba até ao povo. Andou lá até um tipo que era chamado Lopes Simões, que era do Rochel. Tinha o escritório em Arganil, na Barreira. Depois andei lá ainda um tempo a ajudar. A fazer também lá fogo. E andou lá uma máquina. E lá a trouxéramos aqui ao povo.

## **Reformado**

E depois pensei em reformar-me. Tinha 49 anos. Primeiro reformei-me com 17 contos, hoje estou com 70 contos por mês. Deram-me agora mais dez contos de aumento. Tratei de mais uns papéis.

## **Migração "*Quando me disseram que podia voltar a Portugal, isso é que foi uma alegria*"**

Depois de sair da escola e andar a pastar cabras, andava a serrar com o meu pai. E ele teve que arranjar outro companheiro para o pé dele e eu tive que ir...assentei praça em Espinho e depois de Espinho passei para o Porto, para Vila Nova de Gaia, para a Serra do Pilar. Da Serra do Pilar fui a caminho de Angola. Em Angola estive aí uns três meses a fazer serviço à cidade de Luanda. Estávamos acampados num acampamento e daí partíramos para o Norte. Eram três dias de carro. Depois estivéramos então no Norte aí uns 28 meses e depois regressáramos outra vez a Portugal.

Fôramos 12 dias e 12 noites no Niassa para lá. O Niassa gastou um ror de tempo. Depois o Pátria foi atrás dele um dia e uma noite. Chegou a Angola aquando a gente. E depois foi o Vera Cruz buscar a gente gastou só nove dias e nove noites porque já vinha leve, só com a tropa. O Niassa quando foi para lá levava 90 carros e 3000 soldados. Ia muito carregado, andava pouco. O Vera Cruz era um dos mais importantes. E o Santa Maria também. E depois a seguir era o Pátria. A nossa Marinha chegou a ser a segunda Marinha melhor do mundo.

Para a tropa para Espinho fui em 61. E depois para a Angola fui o dia 12 de Janeiro de 62. Chegáramos no dia 24 de Janeiro. E depois vim de Angola o dia 1 de Abril de 1964. Chegáramos a Lisboa às nove horas da manhã.



**Raul Joaquim Dias como recruta (Espinho, 1961)**

### **A armadilha**

*Aqueles dois anos em Luanda... Ui, aquilo foi ... ainda lá morreram uns 18 dos que foram comigo e 16 ficaram inutilizados para a vida deles. Eles venciam mais a gente, era com as armadilhas na estrada. Morreu um Furriel e o chofer e nós andáramos aí 20 ou 30 metros pelo ar e caíramos no chão. O sangue ficou paralisado com o estrondo, já não nos mexêramos mais. Ao depois apanharam-nos para os outros dois carros. Os outros dois carros a subir já não aguentavam com tudo, já tinham que vir a pé para o quartel. O último a saltar do carro para baixo já não teve tempo de saltar! Apanhou uma rajada de tiros no peito, ficou cortado a eito, logo deitado de cima do carro. E então, quando assim era uma coisa daquelas, o que podia saltar mais depressa não, saltava mais devagar. E eu fiquei atrás do carro metido entre o meio dos pneus, e dali ainda fiz fogo e os outros também fizeram fogo. Daí por um bocado lá se calaram, lá nos viéramos embora. Viéramos embora sem nada e não chegáramos a ir ao pé dos outros que vinha ao nosso encontro.*

## As palavras de Salazar

*Era o Salazar que estava no Governo a mais o Américo Tomás e não saía barco nenhum, que eles lá não fossem fazer um discurso. Lá à gente ao pé do barco. Estávamos formados e ainda me lembra as palavras que ele lá veio dizer. Ele disse:*

*- "Eu sei que ireis partir para terras de além mar, e o meu maior gosto não é que vós lá morras. Mas sim que sempre vos saibas defender da melhor maneira que possa ser. Que eu dentro de algum tempo vos lá irei visitar."*

*E ao depois, verdade ele foi. O Américo Tomás passado um ano foi lá visitarmos. E era aquilo assim. O Américo Tomás a mais o Salazar, os dois é que disseram isso. Não saía barco nenhum dali que eles não fossem sempre fazer o discurso deles antes do barco abalar.*



**Raul Joaquim Dias (Angola, 1962)**

Na tropa nunca cheguei a receber 50 escudos. Recebi 48 escudos. Foi o mais que recebi. Agora lá fora ganhava um conto e 200 por mês. Que era o que davam a cada soldado. Ninguém me perguntou se queria ir. Naquela altura eram obrigados a ir todos. Ali não podia ficar ninguém para trás. Havia dois gajos que já lá iam duas vezes ao pé do barco e vinham lá ter ao quartel ao Porto. Ao depois quando eu fui já foram presos lá no barco até lá fora. Já não voltaram mais para trás.



**Raul Joaquim Dias, em Angola, 1962**

## **O regresso**

Quando me disseram que podia voltar para Portugal isso foi uma alegria enorme. Quando lá foram os carros buscar ao Norte, gastáramos três dias para vir para a capital. Ainda dormíramos uma noite no caminho. Foi um terra chamada Vista Alegre. Ui, isso vinham todos contentes. Tomara se eles já cá era há mais tempo, quanto mais ainda estarem lá. Apanhassem-se eles era cá. Cheguei a

Portugal, fui para o Porto, e do Porto aqui para casa. Cheguei aqui a Chãs d'Égua e comecei para aí a andar de roda da fazenda outra vez. Até tornar a arranjar mais algum emprego.

## **Costumes *Antigamente...***

### **"Às vezes levava às 200"**

Tínhamos sempre uma média de sete ovelhas e umas seis cabras e um tomava conta do gado. Quando não eram dois. Mas também naquela altura tinham fartura de carne. De vez em quando matavam um cabrito ou uma ovelha ou uma cabra, e sempre iam comendo. Agora para terem carne é preciso irem-na comprar e já não compram, às vezes, tão boa como era naquele tempo. Andei a guardar na serra muito tempo as cabras. Às vezes levava às 200 eu a mais outro rapaz. Íamos ora para um lado, ora para o outro. Assim andávamos com elas. Não fugiam. Já andavam bem com a gente. Tínhamos que levar a merenda. Ao meio dia ou coisa comíamos em casa, depois levávamos merenda para lá comer de dia. Andávamos lá até à noite. Às vezes levávamos um queijo e metade de uma broa. Outras vezes levávamos umas sardinhas. Outras vezes um bocado de chouriço. Outras vezes um bocado de carne. E assim íamos indo com aquilo.

## **Produtor de vinho**

Ainda trabalhei na agricultura. Nessa altura havia aí vinho com fartura. Agora é que não há quase praticamente nada.

Sei fazer vinho. Tenho o esmagador e a dorna e depois faço o vinho. Então agora, aquilo conforme vem da fazenda vai ao esmagador. Depois do esmagador vai para a dorna. Tem de estar aí dez, 11 dias a cozer. Depois de estar cozido tira-se para o pipo. Ele para ser bom só de Janeiro em diante é que é bom.

Também sei fazer bagaço! Tenho uma bica. Isso para mim, trabalhar com aquilo, é como a um brinquedo. Leva uma média de 8, 9 litros de água ardente. Também tenho o aparelho para ver. A graduação tem de se tirar com 22 ou 23, que ao depois quando arrefece quebra. Desce aí para 22 se tirar com 23. Mas de 21 para baixo não pode ser que ao depois não presta.

Depois de tirar o vinho, o cardaço das uvas vai direito ao alambique. Depois dali, põe-se a ferver e ele começa a botar a aguardente. É assim. E depois tem uma varinha para a gente medir no cântaro aos litros em que vai. Cada mossazinha



que tem a varinha marca 1 litro. Praticamente aquilo no aparelho marcando aquela graduação tem que se tirar fora. Já não se pode deixar apanhar mais senão estragava-se. Ficava fraquinha, já não valia nada.

Geralmente eu até é muito raro beber a aguardente cá em casa. Mas, quer dizer, não a deixo acabar, que há na loja. Há de morango, há de ginja...É uma aguardente mais macia. Faço aguardente de morango. A gente bota os morangos para dentro de um frasco, depois bota-lhe de açúcar e aguardente. Depois deixa estar um tempo e aquilo está bom. E a de ginja também.

### **Como fazer o queijo**

O queijo fazíamos em casa. Às vezes faziam um à noite, outro de manhã, dois por dia. Mas queijos valentes. Não era pequenos como agora a gente às vezes compra. Mas é verdade.

Aquilo é fácil de fazer. Põe-se o leite a coalhar numa panela. Aquilo leva mais ou menos aí uma hora, quase duas, a coalhar. Bota-se-lhe o cardo, coalha-se com o cardo, que é uma árvore que dá aquilo assim ainda grande. E também há uns garrafinhos na farmácia que vendem, bota-se um coisinho daquilo, também coalha o leite. Coalha aí também quatro ou cinco litros de leite aquilo. E depois então põe-se uma bacia ou acincho e bota-se para lá coalhado. Vai-se apertando, apertando e assim se faz o queijo. E depois tem uma queijeira com umas tábuas para lá os pôr e lá se vão secando.

Secar um queijo demora aí mais ou menos uns 20 dias. Mas eram bons. O queijo era feito metade com leite de cabra e metade com leite de ovelha. Tornam-se melhor, mais macios. Se fosse só da cabra já não fica tão bom. Agora se for de ovelha fica bom na mesma. O queijo que era fabricado também era bom. Ainda há uma quintazita na Fajoeira, ainda os lá fazem. Tem lá cabras. O que é que vendem aquilo caro também. A 3 contos o quilo é muito caro. Bem, tudo é pago.

### **Gastronomia**

De comida, que eu me lembre cá usarem mais é esta coisa que se chama a chanfana. É carne arranjada com batatas ou com arroz ou com massa. Mas geralmente eu arranjava no meu fogão. Arranjava-se nuns tabuleiros, com batata juntamente ou à parte. A melhor ideia é quase sempre com batatas e às vezes até as batatas feitas com a própria chanfana. Fica melhor do que se for uma coisa de cada vez. Doces era tigelada o que faziam mais. Era o que adoravam ainda mais. Feitas nuns caçoilos também no fogão ou no forno a lenha.

## **Para não confundir as broas**

Só fornos a lenha tenho logo dois. São antigos. Era donde coziam o pão noutro tempo. Um leva 18 broas e o outro leva 24. Mas era broas grandes. Não é como estas broas que a gente agora compra. Cada broa daquelas dava duas ou três destas agora. São broas grandes que faziam naquele tempo. E depois é claro, aquilo aquecia-se com a lenha.

Quem não tinha forno para cozer a broa era só dizer-me, deixava logo lá cozer de caminho. Vinham cozer às vezes aí de um lado e de outro os que não tinham. Aquilo gastava-se um molho de lenha cada vez. Ao depois na segunda vez já gastava menos lenha. Ao mesmo tempo podiam cozer aí duas ou três pessoas até. As de lá de cima naquele do Chãs d'Égua até coziam às vezes seis e sete. Mas esse levava aí umas 40 e tal broas. Era muito grande. Levava muitas também. Para não confundir as broas uns dos outros tinham que pôr um sinal. Numa punham um dedo, na outra punha dois, se fossem três punha três dedos. E já assim é que eles diferenciavam todas uns dos outros. Havia mais fornos aqui. Cada morador praticamente tinha o seu.

## **A festa de São João Baptista**

O santo cá da terra é São João Baptista. Faz-se festa que dura três dias. A primeira é sempre São João Baptista. Depois a Senhora de Fátima, depois o Santíssimo. É sempre três dias, mas às vezes ainda vai para quatro. Fazem almoço na segunda-feira e convívio. Ainda há tempos fui e paguei 2 contos. Mas aquilo é só uma vez no ano. Assaram um porco e lá comêramos um arroz com uns feijões. Lá se comeu e bebeu e pronto, assim foi. Antigamente a festa era de três dias também. Dançavam noites inteirinhas. Desde a noite até ao outro dia dar o sol. Naquele tempo tocavam concertina, acordeões e vinha um acordeonista. Mas agora geralmente vem uma aparelhagem e um dia veio uma música, como veio ainda este ano a de São Gião. Também é uma música muito boa que toca. E os outros dias vêm conjuntos também. Uns dias uma coisa, outros dias outra e assim se vão entretendo todos uns com os outros. Para além da música e da missa, na festa também há um leilão de ofertas todos os dias. As pessoas dão de casa alguma coisa para lá. E se não derem dão dinheiro. Leiloava-se às vezes um bocado de presunto, um chouriço ou dois, um queijo ou dois, uma garrafa de mel... Pronto, davam umas coisas quaisquer de casa para aquilo e depois iam na procissão com aquilo à cabeça. Terminando a missa e o almoço, então é que iam fazer o leilão. O dinheiro depois era para guardarem para melhoramentos da capela e para pagarem ao padre, que ele também leva o quinhão dele. Uma missa

de um santo limpa aí 14 ou 15 contos. E às vezes anda o mordomo a tirar dinheiro que é para lhe dar a ele ao fim do ano. E o santo fica sem nada. Este ano tiraram a festa fora do normal. Ela usa ser sempre, toda a vida, no fim de Agosto e eles este ano fizeram-na uma semana antes. Mas não lhe haviam de ter autorizado isso porque há muita gente que ao depois já lhe causa muita diferença. A organizar a festa têm que ser os mordomos dos santos. Cada santo tem o seu mordomo. São João tem um, a Senhora de Fátima tem outro, Santa Bárbara outro, Senhora das Febres outro, Sagrado Coração de Jesus outro, a Senhora do Carmo, que é adiante na Malhada, tem outro, as Almas outro e todos os outros têm um. Todos anos são nomeados. Aqueles entregam as contas naquele ano que serviram e depois são nomeados outros para o outro ano a seguir.

## **Lugar "*Há lugares piores*"**

### **"Sei porque é que a terra se chama assim"**

Sei porque é que a terra se chama assim. Tinham lá a cima um relveiro na serra que chama-se Portas d'Égua e botavam para lá as éguas. Noutro tempo havia muita égua. E depois estava além, chama-se lá o Soito Escuro, tocavam lá um corno e as éguas iam lá ter à noite. Não vinham à cata delas. De manhã botavam-nas e elas vinham por ali, e andavam aí pela serra.. À noite tocavam lá um corno e iam lá ter outra vez além. Foi por causa disso é que ficou Chãs d'Égua. Dizem que Chãs d'Égua ainda é mais velho 200 anos do que além o Piódão. E pode ser.

### **Castanhas, cabras e javalis**

Quando eu tinha aí os meus oito anos isto era tudo cultivadinho. Tudo quanto se vê, era tudo cultivado. De milho, de feijão, de batatas, de tudo. Depois deram em abandonar, abandonar até que abandonaram tudo. Agora não cultivam nada.

Mas também naquele tempo não havia cá bicheza como agora há. Que agora há uma bicheza que se a gente aí cultivasse não deixava escapar nada. Porque esta coisa dos javalis, isso é um perigo. Tenho uma fazenda que tem tudo esbandalhado. Eu ainda aqui há uns três meses, fui lá botar umas máquinas de remédio às silvas do lado das videiras. Começo a olhar além para o giestal em frente, era um rebanho que deviam ser aí mais de dez. Porque eles a

apanharem um castanheiro, apanham-no mais depressa que a gente. Isso a comerem castanhas é uma beleza para eles. E as cabras também. As cabras para comerem castanhas também eram boas, também eram lindas.

## **Electricidade e Água**

A electricidade veio para cá muito tarde. Já eu tinha aqui a casa talvez há 20 anos. Antigamente para se ver à noite eram uns candeeiros. Ainda tenho um. Primeiro usavam de vidro, tipo Petromax. Mas agora usam mais uns de petróleo. E candeias de azeite. Também ainda tenho até. Tenho tudo pendurado ainda.

A água, essa veio logo ainda tinha eu para aí os meus dez anos. Veio da serra, de cima para baixo. Mas antigamente tinham que a ir buscar à ribeira, às fontes que lá havia, às costas. Acartavam-na em cântaros de barro e de lata. Era àgua de fome, de sumiço, de miséria. Não há como chegar aqui, abrir a torneira e gastar quanta quero. Para tomar banho iam para a ribeira para os poços. De Inverno lá aqueciam em casa, nalguma panela. Agora é que não, é só chegar e carregar no botão, acende logo o esquentador, pronto. A gente em Chãs d'Égua paga só de ano a ano 7 contos. Mas pode gastar 2000 litros por dia. Agora fora da terra pagam todos meses o quanto gastam. Passam no contador e é que têm de pagar. Nós não. Temos a que queremos, só de ano a ano é que se paga aqueles sete contos à Comissão. Que é para se houver uma ruptura, uma despesa na água, também lá não vão pedir dinheiro a lado nenhum. Vão ali àquele cofre e tiram o dinheiro dali, que está guardado para o que for preciso.

## **Moinhos que valem pouco**

O moinho ainda está ao cimo da fazenda. Trabalhava a água, moía aí por noite dois alqueires de milho. De dia moía mais um. Andava sempre a trabalhar com o moinho. Mas a farinha que seja moída a água é sempre mais gostosa que aquela que é moída a electricidade. Que eu já tive um à electricidade e depois vendi-o para o Silvadal. Porque começa a trabalhar num bocado ainda a farinha sai fria, daí por um bocado a farinha vem sair quente já., ardida. Já me tinham dito que aquilo valia pouco. E realmente pouco valem. É um pequeno remedeio aquilo. Depois vieram aí vendi-o logo. Ainda ganhei cinco contos nele. Não me deu prejuízo. O outro moinho era dos meus pais.

Praticamente os moinhos deixaram cair tudo para o chão. Não precisaram deles, deixaram-nos cair. Aqui em baixo está outro no chão. Então, só em cima em Chãs d'Égua para cima, havia alguns 23 moinhos. E aqui também havia ainda, talvez ao todo uns dez. Está tudo no chão. Deixaram cair tudo para o chão.

## **Ramos, tições e cruzes**

Cá o Domingo de Ramos cada um que pode levar o ramo maior, não leva mais pequeno. E melhor, mais bem enfeitado também. Ao depois também guardam aquilo em casa e quando estiver a trovejar, o ramo que benzeram vão pondo no lume. Diz que é para a trovoada amainar. E que o tição de Natal também põem um pau grande de oliveira detrás do lume e depois o resto apagam-no e guardam-no também para pôr em quando é das trovoadas. É assim. E funciona. É verdade.

Algumas casas têm umas cruzes...É dia de Santa Cruz que as põem. É o dia 3 de Maio. Põem sempre uma cruz na fazenda e outra em casa. Dizem que é para a Santa guardar as fazendas e as casas.

## **"Já era alegria dos garotos"**

No Natal fazem uma fogueira grande acima no povo. Às vezes até fazem no café e lá passam a noite de roda da fogueira. E as famílias às vezes em casa, antigamente também se fazia essa fogueira. A fogueira já é desde a minha lembrança de princípio. Vão buscar a lenha, fazem uma fogueira que dure toda a noite e ali passam a noite de roda dela. A comer e a beberem. Antigamente no Natal comia-se praticamente mais é bacalhau que a carne.

Quando eu era pequeno não havia a tradição de dar prendas. Eles tinham o sapatinho na chaminé e então diziam que era o menino Jesus que vinha pela chaminé abaixo pôr-lhe as prendas. Mas não era o menino Jesus que lá vinha não. É que depois dos meninos irem para a cama iam lá era os pais pôr-lhe um tanto no sapatinho. Ou dinheiro ou um brinquedo qualquer, uma coisa qualquer. Às vezes punham qualquer coisita assim de prendas também. Às vezes punham uma flauta por exemplo. Já era alegria dos garotos. Os garotos com as flautas toda a vida foram lixados. Ainda também aprendi a tocar. Outras vezes punham um pífaro ou um grilo. Uma coisa qualquer. Era assim.

## **Médicos e artistas**

Antigamente quando alguém ficava doente tinham que agarrar nele numa maca e ir leva-los a Vide a um médico e torná-los a trazer, quando não podiam andar por eles. Ou carregá-los num macho. Daqui a Vide em menos de duas horas, a pé, não vai ninguém. Na mota leva um quarto de hora. Ali ao Piódão

já muitos anos que os médicos lá vinham. Já morreram alguns dos que eu já conhecia que lá vieram. Vinha lá o Parente dos Santos, era um homem assim baixote e forte. Vinha o doutor Cosme. Veio agora o doutor Vasco.

Mas havia pessoas que não eram médicos...Estava lá adiante o senhor Arnaldo Pacheco e aquele que lá está no museu que era pai dele. O pai dele era mais artista para tirar os bebês que ainda lá têm as tenazes. Quando nasciam, tirava-os. Esse era o Francisco barbeiro e o filho era Arnaldo.

Eram esses senhores que não eram médicos que faziam os partos cá. Esses estavam abraçados. Todos os anos cada morador dava-lhe alguma coisa. A fazenda deles, para eles, estava cultivada. Davam-lhe 1 alqueire de milho, às vezes 1 arroba de batatas e 1 litro de azeite e se fosse preciso uma garrafa de água ardente. Não lhe faltava lá nada em casa deles. Mas também a vida deles...

### **Consulta por 100 escudos**

*O filho ainda veio uma vez ver a minha mulher. Ali uma vizinha tinha-lhe dado uma injeção e depois a injeção agravou. Ele veio e lancetou-lhe a injeção. Depois lá a curou. Mas quer dizer, se eu fosse com ela lá para longe ficava-me muito caro. Depois dei-lhe 100 escudos ao homem, ficou todo contente, naquele tempo.*

Ainda agora estive três semanas no Hospital da Universidade tem andado mesmo muito mal. Tem anemia no sangue. Metem-lhe o sangue, perde o sangue. Cada vez está pior. Agora está lá a minha mais nova a tomar conta dela senão eu não podia aqui estar. Tinha que lá estar.

Depois também davam remédios mas era mais à base das ervas do campo, não era tanto lá para o lado da medicina. Tinham livros, liam e davam por aquilo. Às vezes requisitavam uma erva que aí chamada erva de São Roberto, para chás. Também diziam que o chá de tília também era muito bom, que fazia muito bem. O de hortelã, erva cidreira, davam assim estes chás diversos. Alguns faziam bem.

### **"Mal da terra nunca o direi"**

Queria ver aqui melhoramentos bons. As estradas bem arranjadas, e os caminhos. Mas isto às vezes são coisas que o Governo nem tem para os outros lados. Há uma estrada a ir de Vendas de Galizes para o lado de Covas aquilo já nem se sabe por onde é que se há-de passar. Buraco para um lado, buraco para o outro. Se eles não gastam nos outros concelhos, também não gastam aqui no nosso. Eles não o têm, se calhar.

Mas gosto cá da terra. Foi cá que em nasci e cá hei-de morrer é claro. Já que não morri noutra lado espero morrer aqui. Tenho em cima lá o meu quinhão porque eu ajudei a fazer, quando vim de Angola, do princípio ao fim também. Lá o cemitério.

Às pessoas que não conhecem o que é que lhe havia de dizer? Claro, mal da terra nunca o direi. Tinha que lhe dizer que isto era bom e pronto. Ainda assim há sítios piores. Para lucrar em saúde não há coisa que chegue cá à serra. É mais saudável do que certas vilas lá para baixo. Porque não têm poluição de carros e de fábricas e daquilo tudo. E nós aqui não, não temos poluição nenhuma.

## **História *Lendas e Histórias***

### **Oliveira, Oliveirão**

Isso lendas e histórias cá da terra não sei a quase nenhuma. O Oliveirão, era o Oliveira Matos. Esse era muita ruim, esse homem. Onde ele chegasse a coisinha melhor que lá houvesse tinham que lha dar. E se alguém fosse para lá tirar alguma coisa, malhava-o logo, ou sacudia-o logo para trás. É tanto que esse homem depois para o matarem... ele vivia com uma irmã à entrada do povo para o lado de lá. E então ele todos os dias antes de se deitar ia dar uma volta adiante à Malhada a ver se estava alguém ou não. Depois um estava lá no campanário e outros estavam nuns bocados onde agora está a estrada, atrás de uns montes de estrume, tudo escondido. Quem ali acudiu mais foi a Guarda que estava em Pomares. Tinham um posto em Pomares e outro em Aldeia, por causa de quando cá cultivavam tabaco italiano, eles vinham à cata do tabaco. Assim que o viram a ir para a casa, para a cama, uns subiram para cima do telhado da casa e outros do outro lado de baixo e disseram assim:

- "Arranco-te Oliveira cá para fora!"

E ele disse:

- "Oh rentará ou não."

Que ele, se o deixam fazia das dele. Enfiou então o capote na ponta da arma que era para eles atirarem ao capote e ele se safar ainda. Mas é que eles não foram todos malucos nem parvos. Tinham juízo. Atiraram uns ao capote mas ao depois quando o capote lhe caiu para o chão, os outros do outro lado é que o botaram logo abaixo é que o mataram então. Foi enterrado onde não se ouvisse cantar nem galos, nem galinhas. Foram-no enterrar detrás da capela. Depois quando aumentaram na capela ainda lá estavam os restos dele e ainda um anel. O anel não sei que é que dele fizeram. Acho que tiveram que o dar lá para a Câmara ou

o que foi. Mas aquilo era assim naquele tempo. Não admira agora haver ruínas, já existem do princípio do mundo que é para atentarem nos bons. Ele era mesmo natural dali de Chãs d'Égua.

### **João Brandão**

Havia também outro que era o João Brandão. Mas o João Brandão, esse mataram-no ali numa terra chamada Midões. Ele era de Midões. Mas o João Brandão também era muito mau, era dos ruínas. Uma vez ia ali num pinheiro nas casarias, uma afilhado para tirar um ninho dum galho, e ele amandou-lhe um tiro cá de baixo e o garoto caiu-lhe aos pés e ele a rir-se.

Ao depois parece que havia uma história, uma lenda, ele diz:

- "18 mortos que eu fiz, nunca tive pena de nenhuma. Só tive pena de Carolina Augusta e deste meu afilhado agora."

Que ele dizia, o João Brandão. A Carolina era alguma amiga dele, que a matou também.

### **"Vão em figura do inimigo"**

O lobisomem é um homem que nasce com aquele signo. Se houver sete rapazes, se o mais velho não baptizar o mais novo, já tem que sair um lobisomem. O lobisomem, acho que é mais ou menos da uma hora da noite até às três, ele tem que dar volta às sete vilas acasteladas ou sete freguesias. O que apanhar leva adiante. Oh, isso mata tudo. Uma vez parece que estava a mulher com um filho ao colo e ele comeu-lhe o filho. Apanhou-lhe o filho, matou-o. Logo ao outro dia ele disse:

- "Então não sabias bem que ele que passava àquela hora, que não podias lá estar."

Porque aquilo vão na figura do inimigo, do diabo. E se eles não se fizerem em gente até às três horas que é quando canta o galo romano, já tem que ficar para o outro dia assim, já não se fazem em gente.

As raparigas, se houver sete seguidas uma também tem que sair bruxa. São coisas. O haver há, que havia um além na Mourísia. O pai um dia pôs-se detrás da porta de casa, ele espreitou pela janela, pelos vidros, chegou à rua, esfregou-se, fez-se num cavalo. Escapou para o lado de Sobral Gordo parecia só chamuscas de lume a sapatas. Mas ia na figura de um cavalo. Depois quando ele veio, o pai escondeu-se detrás da porta com a agulhada dos bois, picou-o, saltou o sangue, pronto. Voltou ao normal. Nunca mais conseguiu fazer em lobisomem. Ele que disse para o pai:



- "Então pai, você sabia que eu que andava a sofrer isto, não me tinha feito este bem há muito tempo?"

- "Eu já era para te ter feito mas é que eu tinha medo"

Porque se o sangue saltasse para ele, ele ficava com o fadário dele. Chegando àquelas horas, podem estar a jogar às cartas aí com outros, mas chegando àquela hora tem que abalar. Não se transformam todos em cavalo. Podem-se formar num chibo, podem-se formar num animal qualquer.

### **"Voa, voa por cima de toda a folha"**

As mulheres para se transformarem em bruxas também se põem em posição de voar e acho que também se esfregam. Depois que dizem assim:

- "Voa, voa por cima de toda a folha."

Porque se disse "Voa, voa por baixo de toda a folha" isso já não. Eu já cheguei a ver daqui em baixo daquele bocado para o moinho, exercícios delas de noite. É mais à sexta-feira. Elas voavam de um lado para o outro, e do outro lado para o outro, a fazerem exercício de noite. O que elas fazem é umas luzes, assim a modo de um azuis, e às vezes até vermelhas. Põem as luzes da maneira que elas querem.

E depois aquilo tem também um fadário. Uma vez íamos em baixo para o moinho e já era assim um bocado tarde. Estava lá uma mulher, mas aquela mulher é claro, não era conhecida daqui. E depois a gente perguntou-lhe o que é que ela estava a fazer. Ela disse:

- "Estou à espera das que ainda hão-de vir."

Estava à espera das que haviam de vir. Depois eu disse:

- "Então e tão tarde?"

- "Oh, quem tem homem a acalentar e meninos a acalentar de Elvas para aqui ainda não é muito tarde."

Elas são muitas e bastantes. Outra vez fôramos ali a uma terra que fica ao fundo daquela Santa chamada o Chão Sobral, e então fôramos lá buscar um odre de azeite de noite. Também à meia-noite naquele tempo não deixavam passar nada de uma terra para a outra. Tiravam-lhe as coisas e ficava sem as coisas. Chegáramos além ao fragão, estava uma noite de trovoada, uma noite de Inverno. Estava uma mulher sentada em cima de um penedo e diz-me o meu pai:

- "Nem olhe para lá. Vamos embora."

Lá viéramos embora e a mulher lá ficou. Era das mesmas, para ali estar àquela hora.

## **Sonhos *Ser ferreiro***

O meu sonho é mais da arte da forja de ferreiro. Sempre me lá entretenho, às vezes. Mas sempre a minha ideia, mais ferreiro. Está aqui um rapaz que anda inutilizado e eu quando estava a chover, ou a nevar, ia para lá para o pé dele. E foi lá que eu aprendi alguma coisa com ele. Mas agora tenho a oficina e brevemente começo a aguçar ferramenta, para me entreter e distrair. Serve de distração.



**Raul Joaquim Dias aos 60 anos**

## **Avaliação *Trabalho importante***

Eu acho bem este trabalho que vocês estão a fazer. Acho importante os mais novos saberem como era a vida antigamente. É bom para irem tirando experiências da antiguidade.